

REXISTIR: HOUSE OF SUPPORT AND RECEPTION FOR LGBT POPULATION IN CAXIAS-MA

REXISTIR: CASA DE APOIO E ACOlhIMENTO PARA POPULAÇÃO LGBT EM CAXIAS-MA
REXISTIR: CASA DE APOYO Y ACOGIDA A LA POBLACIÓN LGBT EN CAXIAS-MA

Élida Lorrane Ramalho Almeida¹

DESCRIPTORS

LGBT; RE-EXIST;
Support; reception.

DESCRITORES

LGBT; REXISTIR; Apoio;
Acolhimento.

DESCRIPTORES

LGBT; REEXISTIR;
Apoyo; recepción

ABSTRACT

Objective: given that expressions of discrimination against the LGBT population are increasingly evident, and that intolerance is present in the school environment, on the streets, in the work environment and at home, it is not difficult to find a member belonging to this group that has never seen itself in a situation of socioeconomic vulnerability, this article aims to propose the architectural project of a support and reception house for the LGBT population that is in a situation of social vulnerability in the municipality of Caxias-MA, aiming to welcome and offer the necessary support to LGBT people who are victims of prejudice.

Methodology: for this, it is necessary to investigate a portion of empty land in the city of Caxias with adequate conditions for the installation of the house, propose an area of shelter and housing for the group under study, design spaces for medical, psychological and social assistance of the assisted, and explore architectural solutions that positively impact human mental and physical health, based on bibliographic research.

Results: a research is presented that highlights the issue of LGBTphobia as a way of observing and proposing solutions for the impacts of its occurrence on the lives of people who are part of the community.

Conclusion: in view of this, it is possible to verify that the implementation of REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento LGBT brings with it not only the central focus of welcoming the LGBT person, but also the restructuring of this individual before society, giving him new opportunities for acquire a dignified life, offering spaces that develop conditions of independence, physical and psychological integrity.

RESUMO

Objetivo: tendo em vista que são cada vez mais evidentes as expressões de discriminação contra a população LGBT, e que a intolerância está presente no âmbito escolar, nas ruas, no ambiente de trabalho e dentro de casa, não sendo difícil encontrar um membro pertencente a esse grupo que nunca tenha se visto em situação de vulnerabilidade socioeconômica, o presente artigo tem como objetivo, propor o projeto de arquitetura de uma casa de apoio e acolhimento para a população LGBT que se encontra em situação de vulnerabilidade social no município de Caxias-MA, visando acolher e oferecer o apoio necessário às pessoas LGBTs vítimas do preconceito.

Metodologia: para isso, é necessário investigar uma porção de terra vazia na cidade de Caxias com condições adequadas para a instalação da casa, propor uma área de abrigo e moradia para o grupo em estudo, projetar espaços para atendimento médico, psicológico e auxílio social dos assistidos, e explorar soluções de arquitetura que impactam positivamente na saúde mental e física humana, embasados através de pesquisas bibliográficas. Resultados: apresenta-se uma pesquisa que destaca a problemática da LGBTfobia como forma de observar e propor soluções para os impactos de sua ocorrência na vida das pessoas que fazem parte da comunidade.

Conclusão: diante disso, é possível verificar que a implantação da REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento LGBT, traz consigo não somente o foco central de acolher a pessoa LGBT, mas também a reestruturação desse indivíduo diante da sociedade, dando a ele novas oportunidades de adquirir uma vida digna, oferecendo espaços que desenvolvam condições de independência, integridade física e psicológica.

RESUMÉN

Objetivo: dado que las expresiones de discriminación hacia la población LGBT son cada vez más evidentes, y que la intolerancia está presente en el ámbito escolar, en la calle, en el ámbito laboral y en el hogar, no es difícil encontrar algún miembro perteneciente a este grupo que nunca se ha visto en situación de vulnerabilidad socioeconómica, este artículo tiene como objetivo proponer el proyecto arquitectónico de una casa de apoyo y acogida para la población LGBT que se encuentra en situación de vulnerabilidad social en el municipio de Caxias-MA, con el objetivo de acoger y ofrecer el apoyo necesario a las personas LGBT víctimas de prejuicios.

Metodología: para ello es necesario investigar una porción de terreno baldío de la ciudad de Caxias con condiciones adecuadas para la instalación de la casa, proponer un área de abrigo y vivienda para el grupo en estudio, diseñar espacios de asistencia médica, psicológica y social de los asistidos, y explorar soluciones arquitectónicas que impacten positivamente en la salud mental y física humana, con base en la investigación bibliográfica.

Resultados: se presenta una investigación que destaca el tema LGBTfobia como una forma de observar y proponer soluciones a los impactos de su ocurrencia en la vida de las personas que forman parte de la comunidad.

Conclusión: frente a eso, es posible verificar que la implementación de REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento LGBT trae consigo no sólo el eje central de la acogida de la persona LGBT, sino también la reestructuración de este individuo ante la sociedad, dándole nuevas oportunidades para adquirir una vida digna, ofreciendo espacios que desarrollen condiciones de independencia, integridad física y psíquica.

¹Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UNIFACEMA e Pós-Graduada em Design de Interiores pelo Instituto de Graduação e Pós-Graduação

1. CONHECENDO OS PROTAGONISTAS: GÊNERO E SOCIEDADE



Para melhor entender o público em questão, o passo mais importante a ser feito é discutir as questões de gênero. Conforme Silva (2015), para isso, é fundamental ressaltar que esse aspecto é uma construção social do sexo, que pode ser definido como uma caracterização na anatomia e na fisiologia dos seres humanos, em que existem machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou ser mulher só é realizada pela cultura. Acerca disso, é possível afirmar que: A identidade de gênero pode ser traduzida pela convicção de ser masculino ou feminina, conforme os atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para os machos e fêmeas. As identidades definem-se em termos relacionais e, enquanto categorias, podem organizar e descrever a experiência da sexualidade das pessoas. Na sociedade contemporânea, as

identidades tornam-se instrumentais para reivindicação por legitimidade e respeito. As identidades são históricas e culturalmente específicas, são respostas políticas a determinadas conjunturas e compõem uma estratégia das diferenças. (SIMÕES; FACCHINI, 2009 apud SILVA; FREITAS, 2015, p.19).

No discurso atual, existe uma forma ideal de sexualidade considerada saudável: Indivíduos que possuem uma identidade de gênero compatível com o comportamento sexual biológico e possuem uma combinação monogâmica. Nesse sentido, as expectativas sociais das pessoas quanto ao comportamento dos outros são baseadas no antagonismo entre masculinidade relacionada à atividade sexual e feminilidade relacionada à passividade sexual.

Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas nas distinções percebidas entre os sexos, sendo, portanto, a primeira maneira de atribuir significado às relações de poder. Para a autora: O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a

criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

Nossa cultura estabelece "papéis" bastante específicos para homens e mulheres, fazendo com que se criem expectativas sociais antes mesmo do seu nascimento. Existe uma ânsia em se "descobrir" o sexo do bebê e a partir de então já se determinam os tipos e cores de roupas, cor de quarto, brinquedos, atividades que ele ou ela realizará, etc. Desde a infância somos ensinados a sermos como somos, privados de descobrir o mundo e a si mesmo de forma independente.

Portanto, é importante ressaltar que alguns comportamentos são construídos socialmente e não determinados pelo sexo biológico de cada pessoa, uma vez que estas suposições e expectativas referentes a gênero podem gerar exclusões. Pois de um padrão, várias expressões são consideradas falsas e outras verdadeiras, como se necessariamente corpo refletisse sexo e gênero só tivesse valor e sentido se dentro de um relacionamento.

Quando crianças, somos educados no sentido de que temos como certo que existem apenas duas categorias de gênero: homens e mulheres. Somos informados de que isso é predeterminado dessa forma por meio de algo maior e que controla tudo, seja a fé ou a ciência (SAADEH, 2004).

Se deixamos de lado esses "roteiros" somos punidos. Qualquer atitude considerada diferente é identificada como psicopatia, algo estranho ou anormal. Frases como "menino não chora", "isso é coisa de menina", "sente-se como uma moça", dentre outras, servem como mecanismos de exploração dessa ordem pré-estabelecida pela sociedade.

Nesse contexto, o comportamento sexual humano é modelado de acordo com a dinâmica do período social ou histórico vivido. Por envolver questões emocionais, papéis esperados e desempenhados na sociedade e comportamentos específicos, tornou-se objeto de polêmicas e muitas controvérsias. A prova desse fato é esse conceito universal de masculinidade e feminilidade, que define o modo de existência, organiza a prática social, e envolve principalmente a relação linear entre genitália, gênero, desejo sexual e comportamento sexual (BENTO; PELÚCIO, 2012). O dualismo existente acerca do sistema binário (masculino e feminino) produziu e difundiu a ideia de que gênero reflete sexo, e que todas as demais áreas que compõem o ser humano estão sujeitas a essa consignação inicial. Como se a natureza instituisse o sexo e o corpo devesse localizar a vida de acordo com sua origem natural (BENTO, 2008).

Todavia, ao lidar com esses conceitos de gênero e sexo como questões independentes, oferecemos um espaço aberto para discussões que incluem experiências além da biologia. Negando que o sentido atribuído ao grau característico das identidades seja determinado pelas diferenças sexuais, uma vez que as pessoas podem pensar que a verdade de gênero não existe no corpo físico, mas que é possível construir novos sentidos sem se restringir às condições naturais. O sexo é biológico e o gênero é social, construído pelas

mais diferentes culturas existentes até então (BENTO, 2006).

No entanto, surgem outras configurações de sexualidade, não necessariamente atreladas a esta fórmula convencional de identidade adequada ao sexo biológico. Para Araguaia (2015), existem quatro aspectos fundamentais contemplados pela sexualidade, cuja discussão se torna fundamental para que possamos compreender melhor o universo LGBT. São elas: sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero.

Quanto ao conceito do sexo biológico, Arán (2006) explica que são os órgãos reprodutivos, os quais são programados e fixados ao corpo orgânico, conhecidos por pênis, vagina ou ambos. Para Alencar (2018) possui a mesma linha de pensamento a respeito dos conceitos de sexo biológico. Para ele, o sexo biológico, é entendido como o conjunto de características que diz respeito aos aspectos físicos oriundos de uma combinação cromossômica. Em linhas gerais, se relaciona com a existência dos órgãos genitais (pênis, vagina, ambos ou nenhum deles) e com o conceito de macho (homem), fêmea (mulher) e intersexo.

Quando falamos em identidade de gênero, devemos levar em consideração que esse conceito, por pertencer ao contexto sócio-histórico, vem sofrendo constantes mudanças. Neves, Alencar e Fonseca (2005) lembram-se disso e esclarecem que devemos considerar o conceito de gênero referindo-nos aos papéis desempenhados por homens e mulheres e ao sistema de relacionamento. Como mencionado acima, nossa sociedade parte do "modelo" do sujeito e impõe algumas regras para estabelecer o que considera "normal" e "anormal".

Nesse sentido, entende-se que identidade de gênero se refere à forma como nos

descrevemos como homens, mulheres ou até mesmo, como explica Jesus (2012), podendo haver a possibilidade da existência de pessoas que não se identificam com nenhum gênero. A autora afirma que alguns utilizam o termo quer, outros, a antiga denominação "andrógino", ou reutilizam a palavra transgênero. Concordando com Jesus (2012), Alencar (2018) diz que a identidade de gênero repousa no modo como o sujeito se identifica com o seu gênero, dessa forma, parte de um auto reconhecimento e de hábitos pessoais. Sendo assim, a identidade de gênero pode ser vivenciada de maneiras diferentes, porque não tem nada a ver com o sexo biológico ou orientação sexual, e portanto, está relacionada com a percepção de todos sobre homens e mulheres. Diante desse conceito de identidade, existem as pessoas cis gêneros e transgêneros. O prefixo de cis gênero é "cis", que vem do latim, significa "do mesmo lado" e refere-se à uma pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído desde o seu nascimento, o que está relacionado ao sexo biológico. Por outro lado, o prefixo de transgênero, "trans", que também vem do latim e significa "transcendência" e/ou "além de", se refere às pessoas que não se identificam com o gênero definido pelo seu sexo biológico durante suas vidas, incluindo pessoas trans, travestis, homens e mulheres não binários e qualquer identidade de gênero que se oponha à norma cis. Segundo Souza e Carrieri (2010) foi somente a partir do século XVIII, que surgiu a possibilidade em se falar de gênero. Como afirmam os autores, até o momento só existia um gênero, o masculino, e não havia sentido algum se discutir os aspectos que eram relacionados a isso. Mas à medida que os anos foram se passando as lutas por igualdade entre homens e mulheres foram se intensificando. Louro (1997) nos mostra que foi no fim da década de 1960, com o estouro da segunda onda do

movimento feminista, no qual entendia-se que as desigualdades culturais e políticas existentes entre as mulheres da época estavam intrinsecamente relacionadas e, com isso, buscava-se incentivá-las a entender que os aspectos de suas vidas pessoais eram reflexos da política e das estruturas de poder sexista, que o debate acerca das mudanças culturais e identitárias se tornou frequente, desde então questionando as imposições sociais de um binarismo padrão voltado pro gênero e para a sexualidade. De acordo com Pisa (2016) foi depois da problematização e dos questionamentos feitos por esses debates sobre a hegemonia branca, heterossexual, cisgênero e cristã, que o feminismo começou a sua busca por uma nova identidade, sem que ela fosse cumprida em função da figura masculina. Assim, as ações do movimento feminista passaram a gerar desejos na busca por atingir direitos de outros movimentos, como o LGBT, que resistiram por direitos iguais para as identidades afetivo-sexuais que iam contra ideologias historicamente impostas. No que diz respeito ao terceiro aspecto, a orientação sexual, Araguaia (2015) conceitua resumidamente como sendo a “atração que se sente por outros indivíduos”. Sendo assim, ela geralmente envolve tanto questões sentimentais quanto sexuais e por este motivo, se alguém se sente atraído por indivíduos do sexo oposto, falamos que ele é heterossexual ou heteroafetivo, enquanto homossexual ou homoafetivo diz respeito aqueles que sentem atração por pessoas do mesmo sexo.

Na sociedade contemporânea existem algumas outras orientações sexuais que diferem daquela que é padrão, a heterossexual, tais como a homossexualidade, bissexualidade, panssexualidade e assexualidade. Nesse sentido torna-se necessário conhecer o significado breve de cada uma delas, a começar pelo padrão, a

heterossexualidade: orientação na qual o sujeito sente atração afetiva e sexual por outra pessoa cuja identidade de gênero difere da sua.

Na homossexualidade a pessoa sente-se atraído afetiva e sexualmente por outra pessoa cuja identidade de gênero é a mesma que a sua. Já na bissexualidade, o sujeito sente atração afetiva e sexual por outra pessoa de qualquer gênero. Na panssexualidade ocorre um fenômeno diferente das anteriores, nela, a pessoa sente atração afetiva e sexual pelo outro independentemente da sua identidade de gênero, sexualidade ou sexo biológico. E na assexualidade a pessoa não sente atração sexual por nenhuma outra pessoa, ela pode se envolver afetivamente com qualquer outro indivíduo, porém não desenvolve o desejo sexual (JESUS, 2012).

Vale ressaltar que por mais que ainda existam sociedades capazes de ditar como e com quem se relacionar, hoje, as mais diversas formas e possibilidades de amar e de se relacionar afetivamente e sexualmente com as pessoas ao nosso redor se ampliam, já que, vivemos num período em que as maneiras de relacionamentos interpessoais passaram por mudanças, adquiriram novos conceitos e assim foram transformadas. Pois, como diz Louro (2008, p. 23): “o único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la”.

Porém, enquanto seres sociais, embora tenhamos evoluído no que se refere às formas de relacionamentos afetivo-sexuais, as formas de se regular e controlar os comportamentos também se tornaram múltiplas no decorrer dos anos, preservando sempre o seu alvo inicial, aquelas pessoas que não se identificam com aquela sexualidade padrão, que é pregada por grupos dominantes de nossa sociedade.

Para Jesus (2012) esses grupos são representados por uma parcela privilegiada da

sociedade, sendo em sua grande maioria compostos por homens brancos, heterossexuais e cisgêneros, que em uma forma de hierarquia ditam regras desde o passado até os dias de hoje, buscando sempre colocar pessoas em caixinhas específicas e uniformizando corpos e comportamentos. Tal padrão heterossexual conhecido comumente também como heteronormatividade, baseia-se na crença de que a heterossexualidade é a única faculdade que define o ser humano enquanto “normal”, portanto, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

Diante disso surge o último, mas não menos importante aspecto, dentre os quais foram citados anteriormente por Araguaia (2015), que é a expressão de gênero. Para Alencar (2018) a expressão de gênero, trata principalmente a forma como e o modo através do qual cada pessoa se apresenta ao mundo. Em outras palavras, corresponde ao conjunto de vestimentas, maneirismos, acessórios, maquiagens, mudanças corporais, estilos de cabelo, gostos, desgostos e comportamentos através das quais uma pessoa exterioriza a sua identidade de gênero

Porém, embora o meio social e o comércio comercializem e dividem os objetos em feminino e masculino, coisa de mulher e coisa de homem, na verdade, os objetos, por si sós, não possuem gênero. Quando você veste uma roupa, aquela roupa passa a ter o seu gênero, afinal, você que a está usando e não o contrário. A expressão de gênero não precisa necessariamente estar alinhada à identidade de gênero, ou seja, você pode ser de um determinado gênero e ter uma expressão de outro gênero. É comumente pensado em termos de masculinidade e feminilidade, mas essas proibições podem mudar com o tempo e entre as sociedades. Também pode ser uma

mistura de ambos, nenhum ou ambíguo (ALENCAR, 2018).

A expressão de gênero pode ser melhor ilustrada por Certeau (1996, p.48), que diz que “o corpo é o suporte de todas as mensagens gestuais que articulam essa conformidade: é um quadro-negro onde se escrevem, e, portanto, se fazem legíveis, o respeito aos códigos ou ao contrário o desvio com relação ao sistema dos comportamentos”.

A explicação a respeito da importância da discussão recente sobre essas identidades culturais pode ser dada pelo reconhecimento de que a cultura está longe de ser homogênea, e que é de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa e descontínua como cita Louro (2003), e que grupos, antes invisibilizados, devem ser tratados como partes integrantes da nossa sociedade.

2. A LGBTFOBIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS



É inegável que os males e desigualdades neste país são enormes e precisam ser resolvidos. A violência faz parte do cotidiano das pessoas e é um fator que afeta negativamente a vida social. Segundo Ferreira (1975) fobia é um distúrbio psiquiátrico que se expressa na forma de medo ou aversão por algo ou alguém. Quando direcionada ao público homossexual pertencente à comunidade LGBT, apresenta-se em forma de fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à violência e à discriminação, recebendo o nome de homofobia.

De acordo com Borrilo (2009), o termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a integrar os dicionários europeus. Embora seu primeiro

elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida somente a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação de julgamento que consiste em definir e qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal.

Porém, de acordo com o Manual de Comunicação LGBT, realizado em 2015, pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos - ABGLT, esse termo ainda é pouco preciso para descrever a diversidade de dados aos quais se refere. Dessa maneira, para evitar a invisibilidade de algumas pessoas, faz-se necessário a desunião do termo para entender as diferentes fobias diante de cada indivíduo da sigla.

- Lesbofobia: Palavra criada para representar a rejeição e/ou aversão a lésbicas;
- Gayfobia: Palavra criada para representar a rejeição e/ou aversão a gays;
- Bifobia: Palavra criada para representar a rejeição e/ou aversão a bissexuais;
- Transfobia: Palavra criada para representar a rejeição e/ou aversão a transexuais.

Dentro desta perspectiva é gritante a quantidade de dados que evidenciam o preconceito, agressões, mortes e violência psicológica ao qual este grupo está submetido e infelizmente as violências praticadas contra os LGBTs não pertencem a um passado distante.

O movimento LGBT possui no Brasil cerca de 50 anos e desde então promove lutas em prol desta comunidade. Entretanto, uma grande dificuldade encontrada neste percurso é o fato de o Brasil não possuir uma legislação específica que possa enquadrar os crimes de homofobia. Recentemente, no dia 13 de junho de 2019, o STF - Supremo Tribunal Federal, determinou que a discriminação por orientação sexual e identidade

de gênero seja punida segundo a Lei de Racismo. Como afirma Barifouse (2019): “O racismo é um crime inafiançável e imprescritível segundo o texto constitucional e pode ser punido com um a cinco anos de prisão e, em alguns casos, multa”. Mesmo assim, ainda não existe um canal específico para realizar denúncias e normalmente elas são enquadradas pela polícia como ameaça, perturbação da tranquilidade, agressão, furto, roubo, entre outros, o que acaba inviabilizando dados oficiais que forneçam indicadores da quantidade de LGBTs mortos e agredidos no Brasil.

Além dos crimes de agressão vale ressaltar que existem muitos outros crimes que assolam esta parcela da população. A violência psicológica e a agressão verbal são formas extremamente comuns em locais e espaços públicos, constringem e trazem medo para aqueles que sofrem. Os assassinatos normalmente estão acompanhados de violência, sangue, estupros e covardias que afirmam o imaginário dos LGBTfóbicos de que pessoas LGBTs possuem corpos descartáveis.

Esta situação pode ser observada nos exemplos expostos na Figura 1 a seguir:

Figura 1 - Dados de casos de violência contra LGBTs apanhados nos noticiários brasileiros



| | | | | |
|--|--|---|--|---|
| <p>“Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará” diz secretário. Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, foi agredida e assassinada. Polícia prendeu dois homens e apreendeu três jovens; um segue foragido.” (CE, 2017)</p> | <p>“Cantora trans é humilhada ao tentar usar banheiro feminino em bar de Cascas”. A cantora trans Vi Marinho gravou um vídeo e divulgou nas redes sociais denunciando homofobia, transfobia e racismo que sofreu por proprietário do Bar do Binha, nesse fim de semana, em de Cascas (MA). (180 GRAUS, 2019)</p> | <p>“Transexual de 27 anos é morta a facadas e jogada do 7º andar de prédio no Centro de SP”. Chiara Duarte foi encontrada morta na Avenida Rangel Pestana. Vendedor ambulante foi preso em flagrante no apartamento dele e duas facas apreendidas por peritos. (G1, 2020)</p> | <p>“Polícia prende suspeito de depor e cometer ‘estupro corretivo’ contra amiga homossexual em Mombuca”. Segundo a corporação, a prática criminosa geralmente ocorre contra vítimas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, sob pretexto de “curar a homossexualidade”. (G1, 2021)</p> | <p>“Adolescente trans de 13 anos é estuprada até a morte no Ceará”. No mês que celebra o Dia da Visibilidade Trans, Keroni Revach se tornou a mais jovem transsexual assassinada no país. (POLÍCIA DE PERNAMBUCO, 2022)</p> |
|--|--|---|--|---|

Fonte: Autora (2021).

3. A REXISTIR

Segundo Ferreira (2008), resistir significa defender-se, lutar contra-ataque ou responder a acusação ou acusador. E existir é ter existência real, viver e estar. Portanto, sabendo que a história do movimento LGBT é marcada por preconceitos, violência, mortes e acima de tudo, pela luta por direitos e pela existência, a escolha para o nome da Casa de Apoio e Acolhimento proposta nesse artigo, é a fusão das palavras “resistir” e “existir”, pois entende-se que estas se tornam representativas diante de seu significado.

Rexistir, porque LGBTs existem e resistem em meio a um sistema que insiste em os excluir, invisibilizar e matar a cada dia. Rexistir, porque são seres humanos que possuem existência própria e está jamais dever ceder ao choque. No que se refere a logomarca, optou-se por produzir um pictograma que fosse facilmente reconhecido e que pudesse ser usado individualmente, fazendo relação com o nome, por este motivo, a forma utilizada foi a de uma mão composta pelas cores da bandeira LGBT que simboliza a “rexistência” do movimento, conforme pode ser visto na Figura 2 abaixo.

Figura 2 - Logomarca da REXISTIR



Fonte: Autora (2021).

Já no que diz respeito a localização da casa, sabendo que Caxias é um município do estado do Maranhão, localizado no meio-norte do Brasil (Figura 3), que segundo o IBGE (2021) possui aproximadamente 166.159 habitantes e uma população relativamente grande quando comparada às demais cidades do estado, ocupando a 5ª posição em número de residentes, para a escolha do terreno foi feita inicialmente a identificação de vazios urbanos na área central de Caxias, pois notadamente é onde se encontram os principais serviços da cidade.

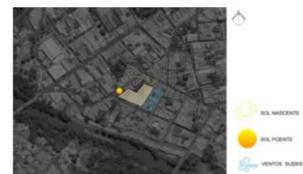
Figura 3 - Localização do município de Caxias-MA



Fonte: Autora (2021).

Baseando-se nisso, o terreno escolhido está localizado no centro de Caxias, possui uma área total de 3.801,13m² e atualmente não dispõe de nenhuma utilização, sendo composto por um grande vazio e algumas vegetações, e tendo seus acessos principais feitos por duas ruas: a Rua Bom Pastor e a Rua Anísio Vieira Chaves. A partir da análise da trajetória solar e do sentido dos ventos, observou-se que em relação a localização do terreno, o Sol nasce no Leste e se põe no Oeste. E a incidência maior de ventos advém da direção Sudeste (Figura 4).

Figura 4 - Localização do terreno com trajetória solar e incidência de ventos



Fonte: Autora (2021) com dados do Google Earth (2021).

O terreno (Figura 5) possui um formato poligonal e é inteiramente nivelado. Sua fachada principal se volta para o sudoeste, que se encontra na rua Bom Pastor, e possui um comprimento de 79,46m. E a fachada posterior, nos fundos, posicionada para o nordeste, detém de uma extensão de 30,73m.

Figura 5 - Terreno



Fonte: Autora (2021).

A proposta para a implantação da REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento para população LGBT em Caxias, vai acolher de forma integral 60 pessoas LGBTs, vítimas da vulnerabilidade social, ou que por algum motivo foram expulsas de casa. A REXISTIR oferecerá ainda, acolhimento à LGBTs em geral que não foram expulsos de casa, mas que passam por algum problema ou precisam de algum auxílio e/ou apoio.

A quantidade de acolhidos pôde ser definida mediante pesquisas comparativas dos dados e das estatísticas disponibilizados pelo Atlas da Violência de 2019 referentes ao ano de 2017 (Tabela 1).

Tabela 1: Dados Comparativos Atlas da Violência - 2019

| DADOS COMPARATIVOS ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017 | |
|--|------------|
| DENÚNCIAS | QUANTIDADE |
| Nº DENÚNCIAS LGBTs NO MARANHÃO | 30 CASOS |

| | |
|---|-----------------|
| Nº LESÃO CORPORAL DE LGBTs NO MARANHÃO | 12 CASOS |
| Nº DE TENTATIVAS DE HOMICÍDIO NO MARANHÃO | 2 CASOS |
| TOTAL | 44 CASOS |

Fonte: Atlas da Violência (2019), adaptado pela autora (2021).

Portanto, levando em consideração a omissão dos dados que dizem respeito aos casos de violência ocorridos contra LGBTs nos anos de 2018, 2019 e 2020, considera-se que a frequência dessa omissão faz com que esse número tende a ser sempre crescente. Sendo assim, foi acentuado que a REXISTIR irá acolher um total de 60 LGBTs vítimas de fragilidade social ou que foram expulsas de suas casas por algum motivo. De forma semi-integrada, a casa também receberá membros da comunidade LGBT que não foram expulsos de casa, mas que encontraram alguns problemas ao longo do seu desenvolvimento pessoal. Sendo também aberta para que a comunidade local possa usufruir de alguns serviços, pois dessa forma o projeto poderá se autossustentar.

O programa de necessidades é dividido em cinco setores, sendo eles:

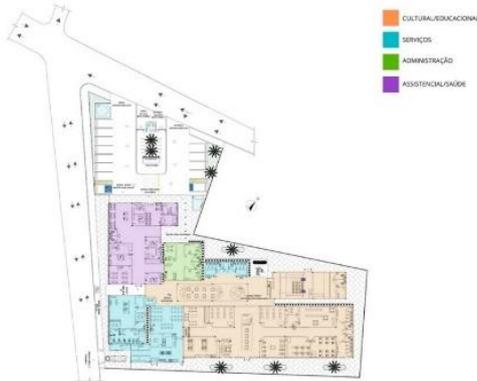
- Setor Administração;
- Setor Acolhimento;
- Setor Assistencial/Saúde;
- Setor Cultural/Educacional;
- Setor de Serviços.

3.1 A PLANTA BAIXA

A planta baixa do térreo é composta pelos setores Cultural/Educacional, Serviços, Administração e Assistencial/Saúde. Que diz

respeito aos seguintes ambientes: Guarita, segurança, grupo gerador, salão de beleza, cozinha, banheiros, despensa, refeitório, vão livre, área de vivência, biblioteca, auditório, salas de aulas, salas de cursos profissionalizantes, sala assistente social, recepção, sala atendimento psicológico individual, sala atendimento psicológico em grupo, sala nutricionista, sala de primeiros socorros, enfermaria, almoxarifado, sala administração, copa, secretaria, vestiários, sala de reuniões e sala estar funcionários. Sendo apresentada na Figura 6 abaixo.

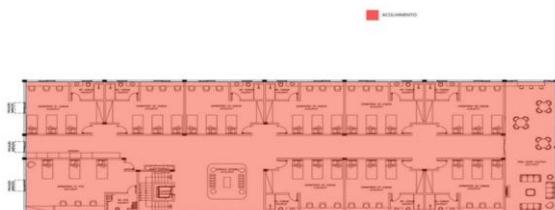
Figura 6 - Planta baixa setorizada do térreo



Fonte: Autora (2021).

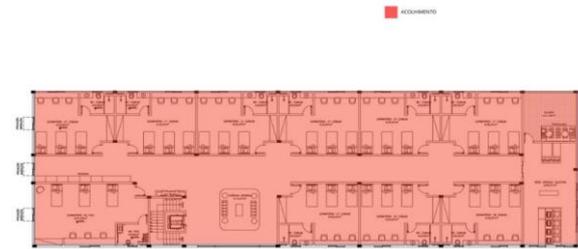
Já as plantas baixas do primeiro e segundo pavimento dizem respeito ao setor de acolhimento. Sendo composto por dois quartos triplos com banheiro PCD, dezoito quartos triplos com banheiro comum, uma área de estar coletiva, solário e uma área de serviço coletiva, conforme mostrado nas figuras 7 e 8 abaixo.

Figura 7 - Planta baixa setorizada do 1º pavimento



Fonte: Autora (2021).

Figura 8 - Planta baixa setorizada do 2º pavimento



Fonte: Autora (2021).

4. A PROPOSTA PROJETUAL

4.1 CONCEITO / PARTIDO ADOPTADO

Partindo do conhecimento da atual situação de vulnerabilidade social da população LGBT no Brasil, é importante ter em mente as necessidades e dificuldades enfrentadas pelas pessoas que fazem parte desse segmento. Sabendo disso, a REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento LGBT em Caxias-MA surge com o intuito de funcionar, em primeiro plano, como um local de refúgio para as pessoas LGBTs.

Por refúgio, entende-se como um local onde uma ou mais pessoas conseguem encontrar todo o apoio, suporte e acolhimento que necessitam, além de qualquer informação a respeito da temática do seu problema. Além disso, a REXISTIR também tem o objetivo de ser um centro cultural, tanto para o público alvo - comunidade LGBT - quanto para o restante da sociedade, buscando sempre a orientação e conscientização das mesmas.

A proposta também pretende resgatar a memória LGBT do Estado do Maranhão, mais precisamente do município de Caxias, que vem se perdendo ao longo do tempo. Esse resgate se tornará possível através do posicionamento do projeto na cidade de Caxias, integrado a pontos

de pertencimento que remetem ao público LGBT. Ressaltando a importância de existir e resistir dessa população, estando a edificação situada em um local bastante visível no centro da cidade.

Portanto, o conceito que norteou o projeto foi a ideia de integração, visibilidade e resistência baseados na relação dos princípios da psicologia ambiental com a arquitetura. A interdisciplinaridade de ambos os elementos foi capaz de gerar um projeto de qualidade, quando esses utilizaram do paisagismo e do design de interiores para criar ambientes capazes de promover o bem-estar físico, psicológico e qualidade de vida aos usuários.

Visando um atendimento mais amplo, o princípio da verticalidade (Figura 9) foi o partido do projeto. Assim, o projeto foi dividido em setores, o que permitiu a separação dos espaços em acolhimento, assistência e saúde, educação e cultura, serviços e administração. A humanização da arquitetura com base nos princípios da psicologia ambiental se resolveu respeitando a ventilação natural e as condições de insolação, combinando paisagismo e design de interiores, e utilizando cores, texturas e disposição dos ambientes.

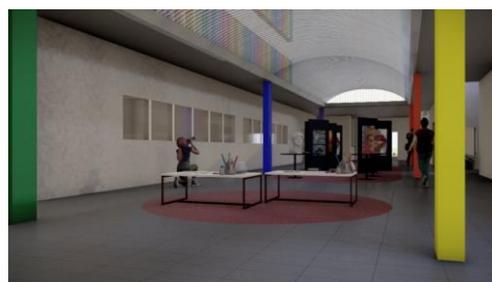
Figura 9 - Vista 3D da REXISTIR com ênfase na verticalidade.



Fonte: Autora (2021).

Para atender ao conceito da integração, visibilidade e resistência a REXISTIR conta com um vão livre interno (Figura 10) onde ocorrerão as exposições, feiras e eventos promovidos pela casa e que servirão de autossustento da mesma.

Figura 10 - Vão livre



Fonte: Autora (2021).

3.2 PROPOSTA E OBJETIVOS DO EMPREENDIMENTO

O principal objetivo do projeto é acolher jovens LGBT's maiores de 18 anos, abandonados, socialmente vulneráveis, com relações familiares rompidas e/ou fragilizadas, sem moradia ou autossuficiência. Visando proporcionar um espaço de apoio, acolhimento, assistência e formação para a exploração de soluções arquitetônicas e de design com impacto positivo na saúde mental e física dos usuários, bem como espaços que promovam as condições de auto realização do utilizador. Resgatando a história do movimento LGBT e proporcionando a sensação de pertencimento aos assistidos.

A pessoa em situação de vulnerabilidade social será acolhida por um período de 6 meses, podendo ser estendido por mais 6 meses, 3 vezes, totalizando 2 anos de acolhimento. Ela terá posse de um apartamento temporário, que será dividido com outros dois assistidos a serem escolhidos pelo abrigo, e estes terão total liberdade para entrar e sair de seus apartamentos quando quiserem, possuindo as chaves do mesmo, possibilitando assim, uma maior liberdade e privacidade, respeitando regras básicas de convivência.

A proposta arquitetônica usada para os quartos pode ser observada nas figuras 11 e 12 abaixo. Já o banheiro proposto para cada um dos quartos pode ser visto na figura 13.

Figura 11 - Quarto triplo compartilhado com banheiro comum.



Fonte: Autora (2021).

Figura 12 - Quarto triplo compartilhado com banheiro comum.



Fonte: Autora (2021).

Figura 12 - Banheiro comum do quarto triplo compartilhado



Fonte: Autora (2021).

Dentro do abrigo a pessoa terá acesso às oficinas de cultura, lazer e educação profissionalizante, que visam preparar o indivíduo para sua futura inserção no mercado de trabalho. A inserção no mercado de trabalho também será auxiliada pela casa de apoio, que contará não apenas com o apoio de empresas parceiras, mas também com o preenchimento de alguns cargos de apoio dentro do abrigo sendo feito prioritariamente com os próprios abrigados, de acordo com suas capacidades.

As figuras 14 e 15 ilustram o salão de beleza, um dos principais pontos de apoio da casa.

Figura 14 - Salão de Beleza



Fonte: Autora (2021).

Figura 15 - Salão de Beleza



Fonte: Autora (2021).

3.3 ATIVIDADES CULTURAIS

As áreas de atividades culturais serão voltadas para o vão livre e o auditório. O vão livre fica na área central interna, é coberto por uma laje sobreposta sob seis pilares de concreto armado pintados com pintura eletrostática nas cores da bandeira LGBT (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo) e é inteiramente destinado à organização e realização de eventos que servirão como uma fonte de renda para as atividades e manutenção da casa. É também um espaço aberto ao público, e nele acontecerão atividades culturais como saraus, exposições e feiras.

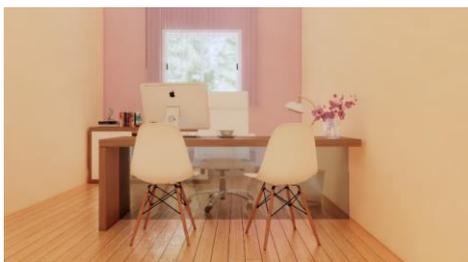
Já o auditório será proposto para realização de algumas atividades que necessitam de uma estrutura com um maior foco no conforto acústico e luminoso, como palestras, debates e conferências.

3.4 ATENDIMENTO AO ACOLHIDO

O atendimento ao acolhido é realizado nos setores de acolhimento, cultural/educacional, assistencial/saúde e serviços, compreendendo não somente às refeições distribuídas no refeitório, mas também a todo o processo de disponibilização de psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais e enfermeiros, além da realização de cursos técnicos profissionalizantes para a inserção ou reinserção dessas pessoas no mercado de trabalho formal.

As figuras 16 e 17 ilustram a sala de atendimento psicológico individual proposta para o projeto.

Figura 16 - Sala de Atendimento Psicológico Individual



Fonte: Autora (2021).

Figura 17 - Sala de Atendimento Psicológico Individual



Fonte: Autora (2021).

3.5 INFRAESTRUTURA E APOIO

A infraestrutura e apoio é realizada na área administrativa, e nela são programadas todas e

quaisquer atividades que mantenham a funcionalidade da casa de apoio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui exposto teve como objetivo desenvolver o projeto arquitetônico de uma casa de apoio e acolhimento para a população LGBT em Caxias-MA, além de investigar áreas vazias na cidade de Caxias, Maranhão, com condições adequadas para a instalação da casa de apoio, sendo de fácil acesso à toda a comunidade, propor uma área de abrigo e moradia para o grupo em estudo, projetar espaços para atendimento médico, psicológico e auxílio social dos assistidos e explorar soluções de arquitetura que impactam positivamente na saúde mental e física humana.

Baseando-se nas pesquisas bibliográficas que foram feitas no desenvolver deste projeto, foi possível ter conhecimento da dimensão da diversidade sexual e de gênero, necessidades e problemas que cada letra da sigla possui, bem como a presença do preconceito e intolerância sofridos diante da família e da sociedade, resultando na falta de oportunidades e acessos aos direitos básicos.

O presente trabalho desenvolveu-se a partir de algumas problemáticas, as quais foram estudadas e propostas algumas soluções:

1. Em relação ao preconceito e discriminação contra a população LGBT, as soluções foram encontradas através das palestras, encontros e conferências educativas a serem realizadas com a comunidade local e os alunos de escolas e universidades públicas e privadas do município.

2. Referente aos problemas psicológicos e sociais gerados nessa parcela da sociedade,

levando em consideração a sua vulnerabilidade e exposição às fragilidades, a proposta utilizada foi a de oferecer o atendimento psicossocial e espaços para discussões e vivências.

3. No que diz respeito à dificuldade de acesso ao trabalho formal, pôde-se constatar que existe uma grande necessidade no que tange a reinserção desse grupo no campo profissional, e isso será desenvolvido pela REXISTIR através da oferta de cursos profissionalizantes e a disponibilidade de salas de aula e uma biblioteca para estudo. Além disso, os serviços ofertados pelo salão de beleza da casa serão realizados pelos seus assistidos, com auxílio dos professores, visando o alcance de uma rentabilidade para a manutenção a casa.

4. No que tange às áreas subutilizadas e/ou vazias do centro da cidade, optou-se pela escolha de um terreno vazio, numa região central e alimentada de infraestrutura, facilitando o acesso à casa.

5. E no tocante à questão da defesa contra a violência física e verbal advindo de ataques LGBTfóbicos, da discriminação e do preconceito, o oferecimento de serviços de primeiros socorros, o atendimento jurídico e a orientação foram as melhores soluções encontradas.

Percebe-se, portanto, que embora a sociedade ainda seja bastante preconceituosa, existem diversas pessoas e ONG's trabalhando na causa e dispostas a lutar pelos direitos e humanidade das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. Porém, os casos de violência que foram citados no decorrer deste trabalho também constatarem que a situação de perigo ao qual essa população está exposta vem piorando cada vez mais, e medidas em busca de frear esses índices precisam ser tomadas.

Assim sendo, sobre a importância de se ter um espaço voltado à questão LGBT em Caxias,

pode-se afirmar que os resultados obtidos por meio da pesquisa foram bastante satisfatórios para serem aplicados à proposta arquitetônica que diz respeito ao desenvolvimento do projeto de arquitetura da REXISTIR: Casa de Apoio e Acolhimento para população LGBT em Caxias.

Ao fim deste trabalho, deseja-se que o tema continue sendo discutido, comentado e abordado, percorrendo todas as esferas que a arquitetura seja capaz de atingir. Pois, dessa forma, o surgimento de novos conceitos, discussões, soluções e percepções poderão contribuir para a melhoria na qualidade de vida e na segurança da comunidade LGBT.

6. REFERÊNCIAS

- 
1. SILVA, C. G. da. **ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADES SEXUAIS E IDENTIDADE DE GÊNERO.** In: BÁSICA, Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. São Paulo: Unifesp, 2015. p. 18-29.
 2. SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na Trilha do Arco-Íris: Do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.
 3. SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. p. 71-99, 1995.
 4. SAADEH, A. **Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino.** 2004. 265 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

5. BENTO, B.; PELÚCIO, L. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>>. Acesso em: 25 abr. 2021.
6. BENTO, B. **O Que É Transexualidade.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008 (Coleção Primeiros Passos).
7. BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Editora Garamond, 2006.
8. ARAGUAIA, M. "Orientação Sexual"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/orientacao-sexual.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2021.
9. ARÁN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero.** *Ágora*, Rio de Janeiro - RJ. v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun, 2006.
10. ALENCAR, P. **Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.** 2018. Disponível em: <<https://psicologopauloalencar.com.br/entenda-a-diferenca-entre-sexo-biologico-identidade-de-genero-expressao-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.
11. NEVES, S. M.; ALENCAR, M. L.; FONSECA, A. S. A. da. **Gênero e sexualidade: o papel do professor na definição dos papéis sociais.** 2005. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/256.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2021.
12. JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília - DF, 42 p. 2012.
13. CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, p. 78-95, 2014.
14. LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista.** 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

PISA, L. F. **A desestabilização das identidades de gênero e o novo posicionamento da marca Axe: A mudança do ethos do homem.** 2016. Disponível em: <http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09-LICIA_PISA.pdf>. Acesso em 26 abr. 2021.
15. LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições, Campinas - SP, v. 19, n. 02, p. 17-23, mai./ago. 2008.
16. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**, v. 10, 1996.

17. LOURO, G. L.; FELIPE.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.
18. FERREIRA, A. B. de H. **Da Língua Portuguesa.** Nova Fronteira, 1975.
19. BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010.
20. ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBT.** Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda, 2010.
21. BARIFOUSE, Rafael. **STF aprova a criminalização da homofobia.** 201. Elaborado para BBB News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>>. Acesso em: 26. abr. 2021.
22. FERREIRA, A. B de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2008.
23. IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/caxias.html>>. Acesso em: 29 jan. 2021.